

O cristianismo como acontecimento hoje

No 19º aniversário de sua morte, o texto integral da conferência de **Luigi Giussani** organizada pela Associação Charles Péguy e pelo Centro Cultural São Carlos (Milão, 28 de outubro de 1992)

organizado por **Davide Proserpi**

Moderador. Dom Giussani vai falar esta noite sobre o tema: “O cristianismo como acontecimento hoje”, que é a genialidade segundo a qual a experiência que ele gerou e viveu, na Igreja e para a Igreja hoje, tocou a todos nós. Depois haverá espaço para algumas perguntas.

Luigi Giussani. Objetivamente, acho que o significado do tema (“O cristianismo como acontecimento hoje”) é ditado pelo fato de que hoje a palavra “cristianismo” é mais facilmente identificada com uma série de valores morais ou com uma pregação dos valores morais, com uma preocupação de valores morais. Não estou dizendo, porém, que o cristianismo não se interesse por valores morais, digo simplesmente que o cristianismo absolutamente não coincide com a pregação de valores morais. Se assistimos à Missa do domingo passado, a belíssima parábola do fariseu e do publicano (cf. Lc 18,9-14) surpreendeu-nos mais uma vez: surpreende-nos sempre, no fim, quando diz que o publicano saiu do templo perdoado, “justificado”, em ordem, em paz, enquanto o fariseu, que se vangloriara de todas as coisas boas que fizera – e não dizia mentiras, Cristo não disse: “O fariseu disse mentiras”, de forma alguma –, saiu condenado. Não é imediatamente necessário elucidar o porquê último desta oposição; pode ser que venha como conclusão de outros pensamentos. Mas quero dizer que o importante, para alguém que deve falar de cristianismo, pensar no cristianismo ou viver o cristianismo, o principal é exatamente isto: o centro do nosso interesse ou da nossa vida não pode consistir apenas em valores morais que, com nossa força de vontade, consigamos traduzir em ato. O cristianismo é um fato, um acontecimento, um fato objetivo: ainda que ninguém mais acreditasse, não poderia ser eliminado. Não há raciocínio que resista: “*Contra factum non valet illatio*”, contra um fato é inútil, não é possível opor um raciocínio a um fato, a força de um raciocínio a um fato.

O cristianismo é um acontecimento, no sentido de que não é sobretudo uma pregação moral. Sendo um acontecimento que implica Deus, uma ação do Mistério na vida do homem, na história do homem, creio que a premissa mais importante seja o tipo de atenção que o homem tem a si mesmo ou a forma como tende a sentir uma ternura por si mesmo. Se alguém não tem atenção e ternura para consigo mesmo, uma ternura como a mãe tem para com seu filho, está numa posição – digo – necessariamente hostil ao acontecimento cristão. Há uma frase de Rainer Maria Rilke que sempre uso para começar uma meditação sobre mim mesmo: “E tudo se concerta para nos calar, em parte por vergonha, talvez, em parte por indizível esperança” (R. M. Rilke, “Segunda elegia”. In: *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 115, v. 42-43). Eu nunca encontrei uma síntese do que o homem existencialmente sente de si mesmo, se pensa em si com atenção, por um mínimo de atenção que tem por si mesmo, comparável a esta frase de Rilke. O homem, quando olha para si mesmo, sente vergonha, fica enfadado, sente vergonha até o enfado, mas não pode negar um ímpeto, um ímpeto irredutível, que constitui seu coração, um ímpeto irredutível a uma plenitude, ou perfeição ou satisfação, que em seu valor etimológico são idênticas: “perfeição” tem mais um significado ontológico, e “satisfação” é mais eudemonológico, como que tratando de sentimento. Eu creio que Deus agiu justamente para ser resposta a essa percepção que, a meu ver, volto a repetir, é a única percepção realista que o homem pode ter de si mesmo, se pensar em si com atenção e com ternura materna. Se Deus agiu, agiu para responder ao homem, ao homem que tem vergonha, que tem vergonha e fica enfadado de si mesmo, que acha limites em si, limites com os quais é conivente, por um lado, e, por outro lado, não consegue,

não pode conseguir calar a boca desse grito que está em seu coração, dessa espera que tem em seu espírito.

De todo modo, Deus agiu assim para responder à situação do homem. É por isso que agiu assim, tornando-se salvador do homem: é o salvador do homem, é o redentor do homem. Mas não quero insistir só nesses detalhes, ainda que esta premissa me pareça necessária: Deus agiu por mim. São Paulo o diz textualmente: “Que me amou e se entregou por mim” (cf. Gal 2,20). E cada um de nós, que estamos aqui – desculpem-me se o digo – deve repetir, pode repetir e deve repetir essa frase de São Paulo: “Por mim”, para libertar-me; para libertar-me, sim, para libertar-me do enfado de mim mesmo e do peso deste limite, que vejo, que vejo em mim dentro de tudo o que faço. Deste ponto de vista, o cristianismo tem um ponto de partida pessimista acerca do homem. Não por acaso, fala de pecado original, como o primeiro mistério, sem o qual nada se explica; é mistério, mas sem esse mistério nada se explica da contradição em que o homem vive inexoravelmente. Se é pessimista, se é inicialmente pessimista em relação ao homem, acaba porém num otimismo, num otimismo profundo, profundo e exigente. O otimismo que leva a afirmar: “Se Deus é por mim, quem poderá ser contra mim?” (cf. Rm 8,31), como diz novamente São Paulo. A ação de Deus consistiu no fato de que o mistério de Deus se configurou como um homem real, assumiu a realidade de um homem verdadeiro, um homem que foi concebido no útero de uma mulher, e desse pequeno e quase invisível caroço desenvolveu-se como bebê, como criança, como menino, como adolescente, como jovem, até ser, até se tornar o centro de atenção na vida social do povo judeu, até arrastar atrás de si as multidões, e até ter as multidões contra si devido à atitude de quem tinha o poder nas mãos, até ser crucificado, morto, e até ressuscitar, ressuscitar da morte.

Um fato, portanto, é a ação de Deus, um fato integralmente humano. Aos jovens, para explicar o que tudo isso significa, eu digo: “Pensemos num casal que por dois anos não tem filhos, imaginemos como a vida deles se expressa, como facilmente também se ordena. Depois de dois anos têm um filho. O filho perturba toda a vida e eles já não conseguem agir como antes”. Pois bem, o fato cristão é como um filho que nasce numa família – de fato, também nasceu como um menino –: o acontecimento cristão é Deus entrando na vida humana e na história humana, tal como uma criança que nasce de uma mulher entra na história humana e na vida da sua família e na história da humanidade. São João, em sua primeira carta, disse aos primeiros cristãos: “O que nossas mãos apalparam, o que vimos com os nossos olhos, o que nossos ouvidos ouviram da Palavra da vida”, isto é, da verdade, “nós o anunciamos a vós” (cf. 1Jo 1,1-3), pois a verdade se fez palpável, visível, audível, como se ouve alguém que fala, como se vê alguém que se torna presença, como se tocam as mãos de um amigo.

Neste ponto eu poderia parar por aqui, porque o que há para fazer, neste ponto, é apenas olhar de frente para esse acontecimento, para isso que aconteceu. E a pessoa sente realmente toda a sua responsabilidade chamada em causa, para reconhecê-lo ou não reconhecê-lo, pois se pode reconhecer isso e se pode não reconhecer isso. Muita gente, que o viu, o reconheceu e depois não o reconheceu, gritou: “Crucifica-o!” (Mc 15,13-14). Mas isso é compreensível para nós, que sabemos por nós mesmos o que é o homem e como pode comportar-se. E o resto são aprofundamentos sugestivos, que numa educação para a fé devem ser comunicados aos jovens e que cada um pode redescobrir por conta própria. Digo que posso parar por aqui, porque queria saber o que mais se pode dizer além disto: que Deus se tornou um homem! Então, o cristianismo é tocar, ver, ouvir, aderir e seguir esse homem. Como foi para São Pedro.

Daquela vez, na sinagoga de Cafarnaum, Jesus falou bastante e se comoveu, porque toda a gente que estivera com Ele no dia anterior na outra margem do Lago de Genesaré contornara o lago para ir reencontrá-Lo. Ele escapara, a certa altura, porque queriam fazê-Lo rei: Ele tinha multiplicado os pães! Entraram na sinagoga de Cafarnaum e Ele se comoveu ante a obstinação com que o povo O procurara, fora atrás d’Ele, e disse: “Vós me procurais porque vos dei de comer pão, mas eu vos darei de comer a minha carne” (cf. Jo 6,26-58). Pelo fato de Cristo ser homem, as imagens Lhe vinham da sua experiência humana, e a imagem mais inconcebível que Lhe veio, a ideia de permanecer conosco sob

o sinal do pão e do vinho, esta imagem que é a mais inconcebível das que podia pensar veio-Lhe à cabeça então, pela emoção que Lhe despertava a fidelidade ao menos exterior daquela gente: aquela gente O procurava. Mas a Sua resposta não correspondia ao que esperavam d'Ele. Assim, sob a influência inclusive dos intelectuais, as pessoas pouco a pouco foram indo embora, até que ficaram, no silêncio da penumbra da noite, os admiradores de sempre. Jesus é o primeiro a quebrar o silêncio: “Vós também quereis ir embora?” E Pedro, com sua espontaneidade de sempre: “Mestre, nós também não compreendemos o que tu dizes, mas se formos embora, para onde iremos? Só tu tens palavras que dão sentido à vida” (cf. Jo 6,59-69).

Digo que esse grupinho de pessoas que O seguiram constitui o início mesmo da história cristã: por O terem seguido, reconheceram que havia algo de excepcional n'Ele e não conseguiam explicar o porquê e o como. De fato, quando Cristo lhes perguntou em outra ocasião: “‘Quem dizem os homens que eu sou?’ ‘Alguns dizem que és o filho de Belzebu, outros dizem que és um grande profeta.’ ‘E vós, quem dizeis que eu sou?’ ‘Tu és Cristo, o filho do Deus vivo’”, respondeu-lhe Pedro. E Cristo, prontamente: “Feliz és tu, Pedro, és afortunado, porque me deste uma resposta que não podes entender, mas a destes porque o Pai a sugeriu a ti” (cf. Mt 16,13-17). Pedro não fizera nada mais que retomar as palavras que Jesus dissera a respeito de si em outras ocasiões. Seguiam-No absorvendo, aderindo pelo que compreendiam, fazendo o que Ele dizia, na medida em que conseguiam. Tal como eram, reconheciam-No, indo atrás d'Ele. Foram atrás d'Ele. É isso, o cristianismo é a história dos homens que, de alguma forma tendo contato com esse acontecimento, com o acontecimento de Cristo, com esse fato histórico, foram atrás d'Ele, cada um como podia, cada um como consegue.

Na verdade, há um acréscimo para fazer, antes de inferir os dois corolários que quero frisar.

A ação de Deus é que o Mistério se tornou um menino no ventre de uma mulher, um grumo de carne no ventre de uma mulher, parte do corpo de uma mulher, nascido como qualquer outra criança. Eu sempre penso, sempre fico muito tocado, no início do Evangelho, com o anúncio do anjo a Maria, pois faz todo um discurso e no fim Maria diz: “*Fiat*, sim, faça-se em mim segundo a tua palavra”. E depois desse ponto há uma frase que diz: “E o anjo a deixou” (cf. Lc 1,38). Eu fico realmente impressionado e quase todos os dias penso na situação em que estava aquela menina de 15-16 anos: absolutamente sozinha, com o Mistério que estava dentro dela – que ela sequer podia constatar, pois mal tinha começado –, tendo de contar aos pais, tendo de contar ao noivo. “Bem-aventurada tu, que acreditaste que se cumprirá o que te foi dito da parte do Senhor” (cf. Lc 1,45), disse-lhe a prima Isabel, que Maria fora encontrar logo, imediatamente, pois soubera pelo anjo que estava grávida de seis meses (cf. Lc 1,36-45).

Então, o mistério de Deus tomou uma ação em relação ao homem, tornando-se menino: este é o fato. E o cristianismo é este acontecimento, “é” este acontecimento.

Mas... e agora? Não digo agora, mas dez anos depois que Cristo morreu, um ano depois que Cristo morreu, cem anos depois, quinhentos anos depois, mil anos depois, dois mil anos depois, agora, porque a pergunta que me faço é: agora onde está? Os primeiros cristãos também a fizeram, tendo vivido ainda na época dos apóstolos, quando Jesus foi embora. Uma pessoa, contactada no dia seguinte à Sua ascensão ao Céu, fazia-se a mesma pergunta que me faço agora. Mas Ele disse: “Estarei convosco ‘todos’ os dias” – notamos esses incisos do Evangelho, que sempre representam algo grandioso –, “estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos” (cf. Mt 28,20). E eu sou cristão porque Ele, Deus, está presente entre nós e estará presente todos os dias até o fim dos tempos; eu sou cristão por isso, poderia ter cometido mil erros ontem e dez mil faltas, mas se falo assim sou cristão; precisarei mais que os outros da misericórdia de Cristo, mas sou cristão, e alguém que não cometeu faltas, que pagou o dízimo, que comemorou todas as festas da liturgia judaica, o fariseu, não!

De todo modo, Cristo permaneceu presente no mundo, na história, e permanecerá até o fim dos séculos mediante a unidade dos que Ele toma para Si e leva para dentro da Sua personalidade; e criou até um gesto, com o qual toma o homem e o leva para dentro de Sua personalidade: chama-se Batismo, é o sacramento do Batismo. Sua presença é visível, tangível e audível como unidade dos que creem n'Ele, que também tem um nome historicamente, “Igreja”, que não significa nada mais que reunião. Mas a objetividade da Sua presença é salva e garantida justamente por esta unidade, como se ela fosse uma

tenda, como a tenda sob a qual estava o mistério de Deus, a tenda erguida no meio do acampamento judeu: é como uma tenda essa unidade entre o povo que acredita n'Ele, que O reconhece, que Ele tomou para Si e levou para Sua personalidade; essa unidade na qual Ele está de verdade é como uma tenda. E a Eucaristia não é nada mais que a extrema expressão concreta da Sua presença concreta.

São Paulo, que foi quem mais ressaltou essa identidade da presença de Cristo, do Deus feito homem, com a unidade dos que creem n'Ele, compreendeu isso quando, derrubado do cavalo, ouviu dizer: “Saulo, Saulo, por que ‘me’ persegues?” (cf. At 9,3-4). Nunca tinha visto Jesus de Nazaré, nunca O tinha visto e perseguia os cristãos: ele perseguia os cristãos. “Saulo, Saulo, por que ‘me’ persegues?” Aqui deve ter sido a intuição que esclareceu para São Paulo a identidade de que falamos. Mas essa identidade já era visível na época do próprio Cristo. Como Ele não podia ir a todos os lugares, Ele mandava os Seus de dois em dois para as vilas onde Sua presença era requisitada; e eles voltavam entusiasmados, dizendo: “Mestre, nós também realizamos o que tu realizas; nós também fizemos os milagres que tu fazes. As pessoas também nos escutam” (cf. Mc 6,7-13). O mesmo fenômeno que ocorria onde Ele estava ocorria na vila aonde os dois iam. Como é que Cristo estava presente na vila aonde os dois iam? Através daqueles dois que Ele mandara. O método que Cristo utilizou para continuar Sua presença entre nós, o método que usou já era usando enquanto Ele estava vivo. Por meio da presença dos que acreditam n'Ele, Ele está presente, no sentido literal do termo.

Por isso, o cristianismo como acontecimento é Deus feito homem e presente na história – para me expressar claramente – dentro da unidade dos que creem n'Ele. Esta unidade tem um valor não afetivo, não se resolve no termo “companhia”, não se identifica com gente que tem a mesma opinião: “Vós que fostes batizados”, diz São Paulo, “vos identificastes com Cristo. Já não existe nem judeu nem grego, nem escravo nem livre”, as grandes divisões sociais e culturais de então, “nem homem nem mulher, mas todos vós sois um, um só, em Cristo Jesus” (cf. Gal 3,27-28), e usa o termo *eis*, que em grego significa “um” em sentido pessoal, da pessoa, mas masculino: “Sois um, *eis*...”. “Sois ‘eu’”, disse São Paulo: “Por que ‘me’ persegues?” Sem dúvida, este é o aspecto mais difícil para mim; perdoem-me se ousar dizer por todos nós, porque a forma como fomos educados – eu também o disse a um jornalista outro dia, em Lourdes – esquece isso um pouco, ou passa um pouco por cima disso. Mas eu posso conhecer Cristo mediante alguma coisa presente. Porque este é o gênio de Deus, que para dar-se a conhecer pelo homem e para salvar o homem fez-se presença.

A unidade dos crentes é o rosto contingente, até banal, dessa presença divina. E da mesma forma como, naquela época, quem O seguiu se tornou cristão e se transformou, agora é cristão e se transforma, se transforma como homem, quem segue esta unidade, à qual Cristo deu um sinal de objetividade absoluto, que é o bispo de Roma, a cabeça da comunidade de Roma, porque tudo, tudo converge para isso – até um concílio ecumênico, se não tiver a firma do bispo de Roma, não vale, não valeria. É exatamente o contrário do que nós imaginamos ou adoramos imaginar: o que nos leva para Deus não é uma opinião nossa, não é um jeito nosso de pensar, não é uma comparação dialetizada com outros, não é o resultado de um estudo teológico: é seguir uma presença. O primeiro corolário que eu queria mencionar, portanto, é este: seguir uma presença.

Mas “seguir uma presença” também explica o caminho moral; não só o pertencer, do ponto de vista da adesão, mas também o caminho moral que alguém faz. Há uma comparação linda na natureza: como é que uma criança faz para adquirir sua própria personalidade? Quanto mais a família é humanamente rica, intensa, atenta e respeitosa; enfim, quanto mais a família é humana ao tratar a criança e quanto mais é fiel à sua tarefa, mais a criança cresce com uma personalidade sua, torna-se ela mesma, adquire personalidade seguindo os pais, o fato, o acontecimento da família. Seguindo o acontecimento da família, absorvendo-lhe as provocações, quase por osmose, quase por uma pressão osmótica, chega aos quinze anos diferente dos demais porque teve uma família assim, e é ela mesma porque sabe dar razões do que escolhe, sabe dar razões do que faz. É análogo o problema moral para o cristão.

Da mesma forma que ser cristão é aderir a uma presença, assim é seguindo essa presença, isto é, participando das provocações dessa presença, que a pessoa muda, se transforma, compreende e muda. Com uma cláusula maravilhosa, que o Senhor destacou com Sua fórmula de perfeição, quando disse: “Sede perfeitos como o vosso Pai que está nos céus é perfeito” (cf. Mt 5,48). E quem pode ser perfeito como Deus? Cristo indicou, pois, que a verdadeira moralidade consiste toda em viver tendendo a algo, é um caminho, enfim: a vida como caminho, *homo viator*. O homem medieval tinha compreendido muito bem: a vida é um caminho, por isso o valor de alguém está em ser fiel nesse tender, tendendo a entender e a seguir. E se mil vezes caísse num dia, mil vezes se levantaria. O segundo corolário que quero destacar, então, é este conceito de uma moral como “tender a”. Santo Ambrósio escreveu numa carta que o santo não é quem não erra, mas quem constantemente tenta não cair (cf. Santo Ambrósio, *Explanatio Psalmi 1,22, Explanatio Psalmi 36,51*). Aos meus alunos na escola, lendo esse trecho de Santo Ambrósio, eu observava: “Imaginem um homem que erre todos os dias, porque tem um defeito fortíssimo, gravíssimo – e todos os dias erra, todos os dias –, e todas as manhãs, ao acordar, diga: ‘Deus, humildemente vos peço, ajudai-me a derrotar-me, ajudai-me a corrigir-me’, e todos os dias erre, e por cinquenta anos prossiga toda manhã acordando com essa retomada sincera, com esse grito sincero, e todos os dias erre... é um santo – um santo! –, um santo cujos dias seriam cheios de erros”. O conceito de moral que nasce do cristianismo como acontecimento é este mesmo: a moralidade é tender a algo, por meio de um seguir; e cada um segue como pode, como consegue, conforme a graça que lhe é dada.

Num cenário como este, o Mistério assume uma figura, assume um rosto: “Não é o Deus dos mortos, mas o Deus dos vivos” (cf. Lc 20,38), disse Cristo. Ou seja, não é o Deus dos nossos pensamentos, mas o Deus verdadeiro, real, que está antes de tudo, incomensurável com qualquer pensamento nosso. “Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e meus caminhos não são os vossos caminhos” (cf. Is 55,8). Mas esse Mistério, em semelhante cenário, não permanece totalmente mistério, não fica totalmente desconhecido. Aquele menino que cresceu, morreu e ressuscitou, e ressurgindo investiu a história irresistivelmente, atraindo a Si pessoas, cuja unidade constitui Seu Corpo, Corpo misterioso, Corpo místico – diz-se –, ou povo de Deus, que é como (eu me permiti fazer a comparação antes) a tenda dos judeus no deserto, que continha a Arca da Aliança, esse Mistério realmente presente, num cenário semelhante, realmente nos explica o Mistério. Explica-nos no sentido de que mostra a correspondência precisa, perfeita, potente, sugestiva e extremamente terna do Mistério com a nossa vida – como dizia Rilke, debilitada por um lado, e cheia de inefável esperança por outro –: chama-se “misericórdia”. A definição suprema do Divino, do Ser, que Cristo introduziu no mundo e que através da unidade dos que creem faz permanecer como proposta ao pobre homem de qualquer tempo e em qualquer condição, é a palavra “misericórdia”. Deus é misericórdia, uma palavra que, de outro modo, jamais conceberíamos.

Moderador. Obrigado! Como eu disse, agora teremos um espaço para algumas perguntas, que podem ajudar-nos a compreender a dimensão do que Dom Giussani nos disse.

Giussani. Temos uma prova constante dessa dimensão, ao menos para mim, porque falando assim, dezenas e dezenas de milhares de pessoas seguiram e seguem. Falando assim! Lembro-me de que um grande padre da nossa diocese, que eu estimo muito, Pe. Barbareschi (Dom Giovanni Barbareschi, 1922-2018, da diocese de Milão), veio para uma reunião que eu fazia na sala vermelha do PIME (Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras), com os universitários. Ele entrou e ficou no fundo. Eu pensei: “O que será que está fazendo aqui?”, porque parecia estar com vergonha. Depois terminamos, todos saíram, ele ficou lá e me disse: “Olha, você sempre fala assim?” E eu lhe disse: “Eh, sim!” E ele: “O que eles veem nisso?” Assim tive de fazer um ato de humildade.

Mas não acho que seja intransigência cega. O cristianismo não é concebível em outros termos. Não esgotei os termos, mencionei alguns termos que me parecem fundamentais. Porque o Menino Jesus é

fundamental, como é fundamental a unidade da Igreja, que é a unidade dos fiéis; mas sem reconhecer a norma objetiva do magistério papal deixa de ser unidade, fica abandonada à hermenêutica, à interpretação das pessoas, e cada um poderia pensar o que quiser – e quem o impede? E se esta Igreja não se tornasse assim próxima de você e de mim, realizando-se numa companhia em que nos encontramos e nos ajudamos, com cinquenta, sessenta, setenta, oitenta pessoas mais, o que seria? Uma coisa abstrata ou política, um fenômeno curioso ou um fenômeno político. Por isso João Paulo II disse aos bispos espanhóis de Tarragona algum tempo atrás – e o repetiu recentemente, já não me lembro em qual ocasião – que a Igreja precisa coincidir com uma comunidade viva, ao redor da pessoa: “O despertar do povo cristão para uma maior consciência de Igreja, construindo comunidades vivas nas quais o seguimento de Cristo se concretiza e abarca todas as dimensões da vida, é a resposta adequada à cultura secularista que ameaça seriamente os princípios cristãos e os valores morais da sociedade” (*Discurso aos bispos espanhóis de Barcelona e das províncias eclesiásticas de Tarragona e Oviedo, em visita “ad limina apostolorum”, 11 de novembro de 1991, 5*). É este o método de que falei ao jornalista que mencionei antes: como Deus fez o homem e a mulher e fez a história humana como salvação, fazendo-se companheiro do homem, o Deus da família é o Deus da Igreja, isto é, do povo que gritou a Deus e foi salvo, como disse Ester na Bíblia (cf. Est 10,3f). Nós o lemos uma vez por semana na Liturgia das Horas: “O povo clamou a Deus e foi salvo” (cf. Sl 21(22),6). Então, é o mesmo método: Deus, para fazer alguém nascer, crescer, tornar-se ele mesmo, para definir alguém, para torná-lo perfeito, usa o mesmo método: a família como primeira companhia. Mas se esta não sabe dilatar-se, torna-se prisão ou torna-se túmulo, e a pessoa foge, foge.

É por isso, então, que nascemos na “família” que é a unidade dos fiéis, a Igreja, a Igreja corpo de Cristo; nascemos no corpo de Cristo e crescemos, porque ninguém na Igreja é como você e ninguém é como eu, não há ninguém igual ao outro. E essa diversidade, que na cultura liberal e racionalista é uma objeção forte à convivência – a diversidade é uma objeção forte para a cultura moderna, por exemplo para a própria viabilidade do Estado –, aqui se torna a riqueza de uma identidade que está além e que gera a todos. Porque Cristo é ontem, hoje e sempre; é para ele que tem seu temperamento, que eu gostaria de ter, e é para mim que tenho meu temperamento, que ele gostaria de ter.

Participante. Eu queria perguntar: dentro do nosso dia, tão atribulado por dezenas de problemas, como fazemos para viver, para seguir essa Presença?

Giussani. Seguir a Presença é idêntico a outra expressão: fazer memória dessa Presença. Quando eu ia à escola elementar – depois entrei no seminário –, meu pai, especialmente meu pai, era uma iminência contínua aos meus olhos. Eu roubei uma única vez na minha vida: um colega estava indo para a escola e se pôs ao meu lado, na frente de uma quitanda onde havia castanhas assadas, e ele me disse: “Pega, pega!” E eu estiquei a mão e peguei algumas, e ninguém me viu. À noite, meu pai chegou em casa do trabalho e me disse: “O que você fez hoje de manhã?” Eu senti meu pai onipresente, enfim – como Deus. Portanto, a forma para seguir essa Presença é lembrá-la. Por isso a Igreja diz: se no decurso de tempo que se torna para todos os homens a medida da sua expressividade, que é o trabalho, a semana de trabalho, se durante essa medida você não dedica nem um momento à memória de Cristo e não vai à Missa no domingo... menos do que isso, é impossível: pecado mortal! Não é evasivo dizer que para seguir essa Presença é preciso lembrar-se d’Ele, fazer memória d’Ele.

Há um belo texto, que você deve ter lido, *O peregrino russo*, um texto ortodoxo russo, que diz que é preciso acostumar-se a invocar o Senhor, fazer memória do Senhor, uma vez, dez vezes, cem vezes, dez mil vezes ao dia, enquanto não coincidir com a respiração (cf. *O peregrino russo*, São Paulo: Paulus, 1986, pp. 36-37). Assim diz o texto maravilhosamente. Se eu penso que o Senhor é mais concreto que minha mãe, é mais meu que minha mãe ou meu pai, então o desejo de multiplicar a memória não só é

lícito, mas é inevitável, e fazê-lo torna-se não só possível, mas real. E essa multiplicação da recordação abrevia cada vez mais o tempo do esquecimento e o tempo da traição. O esquecimento, de fato, para o homem adulto, é o esquecimento d'Aquele de quem está nascendo. Porque eu, neste momento, não me faço por mim mesmo. Sempre digo aos jovens: “Digam-me se há algo mais evidente do que isto, que neste instante você não se faz por conta própria, eu não me faço por conta própria”. Então, neste instante eu estou nascendo de outra coisa, e essa outra coisa se chama Deus, que se tornou um homem; por isso estou nascendo de Cristo. Quanto mais essa reflexibilidade amadurece a personalidade, não é um acréscimo, não é uma fuga para uma abstração; quanto mais multiplico essa memória, mais sinto a consistência do meu eu nascer de onde nasce. Mas também está presente em mim a mesma fraqueza, de modo que, enquanto penso nisto, posso cair, derrapar.

Insisto nestas coisas, porque é maravilhoso que o cristianismo seja misericórdia, que o Ser seja misericórdia: humanamente é inconcebível pensar no próprio destino se não for misericórdia. Com efeito, aqueles para os quais o destino não é misericórdia não pensam nele, não podem pensar nele. E como o destino é cada vez mais iminente e se aproxima, são mais inteligentes os primeiros que os segundos, é mais inteligência aquela do que esta. Além disso, desculpem-me, a verdadeira resposta à pergunta de antes – que para seguir é preciso lembrar – nos livra de qualquer moralismo; não são leis para aplicar, é uma recordação que devemos ter. Quando eu estava na escola, com meu professor Fossataro, centurião da milícia, na quinta série, eu sempre tinha meu pai no canto dos olhos: não eram leis que meu pai me explicava, era ele! E eu aplicava as leis lembrando-me dele. É mais sintético, mais afetivo, mais humano, mais simples.

Participante. Se a memória permite manter vivo este fato, este acontecimento, por que então acontece, por exemplo, que também entre nós cristãos, mesmo fazendo memória, o acontecimento costume ser reduzido a regras humanas? Digo isto porque o enxergo como tendência em mim e também porque costume vê-lo, por exemplo na Missa, reproduzido nas pregações que comentam a liturgia.

Giussani. Concordo com você, não sei o que dizer: é o método que está errado, o método de transmissão. Como eu disse àquele jornalista em Lourdes, os pais querem a felicidade dos filhos, mas é como se tivessem se esquecido de ensinar-lhes o método para tentarem chegar lá. É como se não soubessem qual caminho ensinar para chegarem lá. E assim nós podemos comunicar nossa fé, comunicar nossa evidência do fato cristão, comunicar nossa mensagem: “O Mistério de Deus está entre nós”, sem respeitarmos o método que essa verdade implica. E o método é o que Cristo criou: o método é a presença, tal como Ele a definiu, presença da unidade dos fiéis, presença de uma companhia; companhia significa gente que está junto porque Ele existe, porque O reconhece. Não é absolutamente necessário ter o ímpeto que eu posso demonstrar em alguns momentos, cada um tem sua personalidade. Mas esta é a resposta. O método é ensinado por Ele: “Sede unidos, segui. Para Me seguides, deveis seguir a vossa companhia; companhia, isto é, unidade de pessoas que se reúnem porque Eu existo, porque Me reconhecem. E então se ensinam uns aos outros, perdoam-se uns aos outros”. É um defeito de método na transmissão.

A meu ver, há cem anos, como cristãos, como povo cristão, erramos neste ponto, como método, como método de comunicação. Diz-se: “Os fatores fundamentais da realidade da Igreja são o Magistério infalível...” – o magistério, que é uma realidade objetiva, infalível, porque a última palavra não está na minha interpretação, a última palavra está fora de mim, e este é um valor implícito do cristianismo: o valor último, a verdade é uma realidade fora de mim; saíam de casa e cruzavam com a Verdade falando pelas ruas: Deus, companheiro do homem – “...o Magistério da Igreja e os Sacramentos”. E o que é o sacramento? Uma presença. O sacramento é a forma mais simples da memória. Então, primeiro dizemos estas duas coisas, mas depois, metodologicamente, seguimos a nossa imagem de

comunicação ou de avaliação, de juízo, a nossa imagem conclusiva, o termo das nossas discussões, o parecer teológico de uma vertente teológica, o que dizem os jornais, o que diz a televisão, o que dizem os padres.

É espetacular – repito o que digo aos jovens – que Cristo nos tenha obrigado a uma única coisa, a realizar uma única coisa. Obrigou-nos a uma única coisa, como método para comunicarmos com Ele: os sacramentos, que são gestos em que o homem não precisa fazer nada, exceto estar com os olhos abertos, consciente. Como os homens que vinham confessar-se na Páscoa, *illis temporibus*, vinham lá e ficavam lá parados. Então eu fazia umas perguntas e eles diziam: “Sim”, ou nem sequer: “Sim, não”, mas faziam sinal com a cabeça e eu dava a absolvição. Menos do que isso, impossível. Não há necessidade de pensar em sabe-se lá o quê, de saber sentir, de ter emoções específicas. É como dizer: isto é um livro! O cristianismo é um fato! Então, o método para aprendê-lo é o de estar dentro; significa estar dentro de uma companhia de gente que se reúne ou que se reconhece como unidade porque Cristo existe. Chama-se “comunhão”, como o sacramento. Mas há uma distância entre isto e o modo como nós costumamos viver, porque – peço desculpas – exatamente isto não nos foi ensinado. Tal como agora se está perdendo o sentido da família, aquela coesão que, por osmose, por pressão osmótica, cria um filho e o faz tornar-se ele mesmo, o faz tornar-se pessoa, afirma sua personalidade, assim há muitíssimo tempo se perdeu o sentido desta “família”, desta familiaridade com Cristo, que é a unidade entre nós em Seu nome (por isso, na companhia da Igreja, pode entrar o delinquente e pode entrar o santo, e quem tem menos objeção ao fato de haver um delinquente é o santo).

Participante. O senhor falou de ternura, a ternura do homem por si mesmo e a ternura de Deus pelo homem. Queria saber algo mais, porque a ternura pertence a uma esfera muito íntima, não consigo entender bem qual é a relação.

Giussani. A resposta já está na sua pergunta. Você disse que a palavra ternura pertence, indica uma esfera muito íntima, mais íntima de mim a mim mesmo. E se eu me considero, me percebo – como disse antes – como uma realidade que neste momento é feita por Outro, se tenho consciência do fato de estar emergindo do Mistério agora, é com maravilhamento que vejo a mim mesmo. Se me olho como um dado ou como um dom, fico maravilhado comigo mesmo, e olho para mim como uma mãe olha para o filho que ela acabou de dar à luz. Mas nosso orgulho e nossa vontade de afirmação fazem com que sejamos estranhos a nós mesmos, fazem com que sejamos duros com nós mesmos. É por isso que sempre penso em Rilke, naquela frase: “E tudo se concerta para nos calar, em parte por vergonha, talvez, em parte por indizível esperança”. Ambas as coisas estão presentes. E a Igreja é o único lugar onde essas duas coisas do ser humano são afirmadas, o único onde está contido este paradoxo ou esta contradição, esta contradição piedosa e amada – não que a contradição seja amada, é amada a unidade que está nesta contradição –. Mas o mais bonito que me ensinaram foi a palavra “misericórdia”. Não existe no vocabulário. Quer dizer, existe no vocabulário, mas é a única palavra, intensamente necessária, diariamente necessária, que não pode nascer da nossa experiência. Eu sempre lembro – desculpem-me se acrescento isto, juro que depois paro de falar – que, quando eu tinha três anos, ia sempre com minha mãe assistir às Vésperas. Na igreja havia um grande púlpito dourado em forma espiral. Eu estava lá, sentado com minha mãe, e o padre gritava gesticulando, e eu estava lá sempre atentíssimo; A certa altura, o padre citou uma frase: “Ainda que tua mãe te abandonasse, eu jamais te abandonarei” (cf. Is 49,15). Eu fiquei tão assustado que fiquei encarando minha mãe, que estava lá, e olhei para ela aterrorizado com a ideia de que pudesse me deixar. Minha mãe virou para mim, sorriu, e então fiquei tranquilo. Contudo, em outro sentido, aquele momento foi um dos momentos capitais da minha vida: foi a partir daí, foi nesse momento que começou a raiz das coisas que entendi. Ter uma mãe é um acontecimento, não são leis morais para aplicar; mas ter uma mãe significa, a partir de

dentro, o impulso para comportar-se de determinada maneira, para dar-lhe um beijo ou dizer-lhe sim, ou para chorar por ter errado, por ter desobedecido; e é de dentro que vem. Ao passo que a moral, no mundo inteiro, vem de fora e normalmente vira uma moral de Estado, é acentuada estatalmente, porque os valores morais que se impõem são os valores úteis para o Estado, por assim dizer, no momento histórico que está atravessando.

Moderador. Agradecemos infinitamente. Estamos comovidos e maravilhados. Um obrigado profundo, inclusive pelo trabalho de ter vindo aqui conosco.

© 2024 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de L. Giussani